

A ECOLOGIA: QUESTÃO FUNDAMENTAL DA MORAL DA IGREJA

ECOLOGY: A FUNDAMENTAL QUESTION OF THE CHURCH'S MORALITY

Igor de Andrade Alves*

Resumo: Na Carta Encíclica *Laudato Si* (2015) e na Carta Apostólica *Laudate Deum* (2023), o Papa Francisco abordou sobre o tema do cuidado da “casa comum”. Esse assunto gerou debates significativos dentro e fora da Igreja, seja pela plausibilidade do tema, seja pelo questionamento sobre esse ser um assunto próprio da Igreja. Na análise das cartas, percebe-se um forte apelo espiritual e teológico pela ecologia integral, pois nela é destacado o valor intrínseco da natureza e a conexão do homem com ela. A Igreja faz uma reflexão ecológica e moral, relacionado a urgente questão das mudanças climáticas, a crise ética do antropocentrismo desordenado e o valor simbólico-sacramental da natureza criada por Deus. Esse percurso deixa claro que a ecologia é uma questão fundamental da Moral da Igreja.

Palavras-chave: Ecologia. Moral. Criação. Casa comum.

Abstract: In the Encyclical Letter *Laudato Si* (2015) and in the Apostolic Letter *Laudate Deum* (2023), Pope Francis addressed the theme of caring for the “common home” This subject sparked significant debates within and outside the Church, both regarding the plausibility of the theme and questioning whether it is an issue appropriate for the Church. In the analysis of the letters, there is a strong spiritual and theological appeal for integral ecology, as they emphasize the intrinsic value of nature and humanity's connection to it. The Church engages in an ecological and moral reflection related to the urgent issue of climate change, the ethical crisis of disordered anthropocentrism, and the symbolic-sacramental value of nature created by God. This journey makes it clear that ecology is a fundamental issue of the Church's Morality.

Keywords: Ecology. Morality. Creation. Common home.

Introdução

A Carta Encíclica *Laudato Si* (Louvado seja) do Papa Francisco (2015), sobre o cuidado da “casa comum”, causou bastante discussão na Igreja e no mundo, tanto entre os que a consideram urgente, quanto entre os que a criticam ou ignoram, por considerá-la uma mera política. Mesmo entre alguns cristãos católicos o teor da carta não evoca a piedade que esperam da Igreja e dos despachos do Sumo Pontífice. Porém, ao analisá-la, fica evidente um grande apelo espiritual e teológico que o Papa Francisco faz, lembrando o valor da natureza e de que o homem é também natureza (cf. LS, 6). Por isso, urge o apelo ecológico e moral à humanidade, para que, como criatura, não seja indiferente às outras instâncias da criação, restaurando a integridade com as demais.

Um dado importante a ser considerado sobre o tema da ecologia é o fato de que os efeitos da intervenção do homem na natureza se tornaram mais nocivos após a Revolução Industrial

* Discente do 7º período do Curso de Teologia da Faculdade João Paulo II – FAJOPA, Marília-SP.

(1760-1840). Dessa forma, a preocupação ecológica é um assunto mais recente. Portanto, é menos comum ou quase impossível encontrar comentários sobre a ecologia em períodos anteriores a esse, talvez só se encontre pensamentos sobre a valorização da natureza e a sua harmonia. Talvez esse vazio ecológico tenha ocorrido porque não havia até então uma intervenção humana na natureza em tão grande escala. O próprio termo “ecologia” foi criado somente em 1866 pelo alemão Ernest Haeckel, querendo expressar a ciência que estuda a interdependência e as interações entre os organismos vivos e seu meio ambiente (cf. MORAES, 2021).

Sendo esse assunto uma novidade contemporânea, há discussões sobre o porquê de a Igreja ter que tratar disso, já que alguns acreditam que o seu único objetivo deveria ser cuidar de questões espirituais, não se envolvendo em questões tão “mundanas”. Esse perigoso posicionamento busca ofuscar a função muito mais ampla que a Igreja deve ter no mundo. A Igreja deve auxiliar a humanidade no cumprimento do mandato divino, o qual evoca: a responsabilidade sobre toda a criação e a tarefa de tutelar a harmonia e seu desenvolvimento (cf. Gn 1,26-30; DSI, 451). Nesse processo, a ecologia se apresenta como uma das questões fundamentais da moral da Igreja.

1. O cuidado com a natureza: um apelo ecológico e moral

O Papa Francisco, atento ao fundamento da fé sobre salvaguardar a criação, demonstra em seus escritos a urgência de uma consciência e de ações que considerem toda uma prática ecológica. Ele explicita essa inquietação na Carta Encíclica *Laudato Si* (2015), na qual ele pontua que a humanidade está ciente dos problemas que estão acontecendo no mundo, porém, mesmo notando a lógica da destruição, parece estar conformada com o que vê. Os grandes problemas ecológicos afligem os próprios humanos (aquecimento global, desastres ambientais, fuga dos refugiados, grande número de mortes, entre outros problemas), atentando contra a vida. O Papa Francisco julga esse posicionamento como uma indiferença humana (cf. LS, 5). A sociedade pós-moderna que privilegia mais a liberdade e a vontade, em função de um ilusório bem-estar prometido pela supremacia da economia, acaba por menosprezar a natureza, instrumentalizando-a.

[...] as mudanças climáticas dão origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se; e isto, por sua vez, afeta os recursos produtivos dos mais pobres, que são forçados também a emigrar com grande incerteza quanto ao futuro da sua vida e dos seus filhos. É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que,

não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias, que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. A falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil. (LS, 25).

Pelo que o Papa Francisco apresenta há um drama real que ameaça a vida humana, e somente por esse dado a questão já se torna uma questão moral. Com isso, a preocupação ecológica não se limita a um posicionamento político, todavia tem respaldo teológico-moral. O cuidado da casa comum, a ecologia integral¹ e o meio ambiente são assuntos próprios da Igreja, que não pode ignorar que na ciência hodierna se impõe uma visão fortemente unitária do universo e ainda mais, deve esforçar-se para anunciar essa orientação que é exigida pela teologia da criação, em conformidade com a tradição bíblico-cristã (cf. RUBIO, 1989). Atento a esse fundamento, o Papa Francisco se dedica a tratar do assunto e deixa claro que a preocupação ecológica não é uma obstinação pessoal, porém uma linha teológica já verificada na orientação de seus antecessores (LS, 4-6).

Citando seus antecessores, Francisco quer mostrar que a Igreja se preocupa com a natureza há algum tempo e que há um grande respaldo teológico para isso. O Papa Paulo VI, em 1971, disse: “Por motivo da exploração inconsiderada da natureza, o ser humano começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação” (OA, 21). O Papa João Paulo II, em seu tempo, também convocou os fiéis a uma conversão ecológica, quando em 1991 lembrou que cabia à própria humanidade o dever de “salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana” (CA, 38). O Papa Bento XVI insistia dogmaticamente que “o livro da natureza é uno e indivisível” (CV, 51), sendo assim, no mundo fragmentado da pós-modernidade, “a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana” (CV, 51).

Para estabelecer um direcionamento do porquê a Igreja precisa se ocupar com a natureza é preciso pensar o mundo como um dom e que o ser humano é chamado a acolhê-lo. A Sagrada Escritura pontua que o mundo é anterior ao ser humano (cf. Gn 1, 1-25; 2, 1-6), portanto, “as coisas criadas têm uma consistência e um valor próprios” (RUBIO, 1989, p. 456). O homem, tão criatura como qualquer outra, pelo diferencial de ser imagem de Deus, “é responsável (chamado a responder) da própria vida, das relações inter-humanas e da natureza” (RUBIO,

¹ É a Ecologia no seu sentido mais amplo, que considera que a dignidade de cada pessoa apenas se expressa numa lógica de relação com as outras pessoas e com o mundo (cf. Fundação Gonçalo da Silveira). É uma ecologia que pensa a natureza incluindo as dimensões humanas e sociais (LS, 137).

1989, p, 452). Ao contrário, se o homem busca um domínio arbitrário e irresponsável da natureza, distante da moral, acaba por usurpar o lugar de Deus, desenvolvendo um domínio predador e suicida (cf. RUBIO, 1989).

Se a crise ambiental não era latente em épocas anteriores, os papas que governaram após a sua constatação não poderiam deixar de analisá-la de acordo com a doutrina. Nos escritos de cada um dos pontífices já citados há uma preocupação real com a situação da degradação do meio ambiente, fazendo suas reflexões ecológicas sob análise da moral. A crise ambiental é um elemento de uma crise muito maior, um crise que abrange o próprio ser humano com seus valores. Nesse sentido, exprime-se a seguinte consideração da teologia moral:

A crise ambiental é captada pela Igreja como fazendo parte de uma “profunda crise moral, da qual a deterioração ambiental é um dos aspectos mais preocupantes”. Toda a problemática ecológica “tem uma inegável dimensão ética. É necessário “resgatar o mundo material da condição de mero objeto a que foi reduzido”. Ao mesmo tempo, olhando com um pouco mais de profundidade, nota-se que a crise ambiental aponta para um ser humano doente, ou seja, a degradação do meio ambiente é fruto da doença que afeta o ser humano e seu processo civilizatório moderno e industrial. (AGOSTINI, 2011, p. 120).

O posicionamento moral diante da crise ambiental é naturalmente baseado na Sagrada Escritura, como sua fonte principal. A ênfase dada à criação desde o início do Antigo Testamento até as últimas páginas neotestamentárias é constante. No relato da criação, é notório que o criador contempla cada elemento natural criado, imediatamente: “E ele viu que isso era bom” (cf. Gn 1,3-25) Após construção dessa “casa harmoniosa” e boa, Deus criou o homem e a mulher para viverem e se relacionarem nesse ambiente. A criação do homem e da mulher os condicionou a uma relação com o cosmos, como pode ser notado no livro do Gênesis:

Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: [...] dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”. Deus disse: “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas”, e assim se fez. (Gn 1,27-30).

O verbo “dominar” que aparece nesse trecho não indica que a natureza criada teria uma finalidade meramente funcional ou instrumental. O domínio dado por Deus aos homens,

narrado no Livro do Gênesis (cf. Gn 1,28), deve ser entendido como *radah*² (cuidado), e não como numa relação de puro usufruto, de “exploração selvagem da natureza, diante de uma imagem do ser humano como dominador e devastador” (cf. LS, 67). A criação possui a sua própria dimensão simbólica e sacramental, constituindo um reflexo do amor criador de Deus (cf. RUBIO, 1989). Se o mundo criado é apresentado por Deus como algo “bom” (cf. Gn 1,3-25) e como o lugar de sua ação salvadora (cf. DSI, 453), essa parte da criação também realiza a sua glorificação (cf. Sl 148; RUBIO, 1989).

Deus quis o homem como seu interlocutor no mundo, propondo um diálogo no qual ele encontrasse a sua própria verdade e projetasse a sua história nesse *jardim* dado por Deus (cf. Gn 2,15; DSI, 452). Nessa verificação teológico-bíblica fica evidente que a relação do homem com o mundo é um elemento constitutivo de sua própria identidade. Surge nessa relação a necessidade de uma postura ética, que prescinde de uma comunhão de Deus com o ser humano e a natureza, na chamada síntese *teo-antropo-cósmica* (cf. AGOSTINI, 2011, p.118). Se a salvação definitiva que Deus oferece a toda a humanidade, mediante o Seu próprio Filho, é atuante neste mundo (cf. DSI, 453), nenhum espaço da criação pode ser o palco da degradação ambiental e humanitária (cf. RUBIO, 2019, p. 61).

A compreensão deficitária da teologia da criação estabelece uma relação falsa entre os seres humanos e o meio ambiente. Por conta da “vontade de poder”, decorrente da manipulação abusiva e da coisificação da natureza desenvolvidos pela Civilização Industrial, torna-se imperativo uma reflexão sobre a ecologia e a moral. Quando se separa de Deus, o homem deturpa a relação com o cosmos e perde de vista o significado da criação. Dessa forma, ele se fecha em uma autorreferencialidade, numa “autoadoração” orgulhosa, que não se ocupa com os irmãos e com o mundo. A teologia, portanto, deve detectar nessa crise ecológica a existência do pecado (cf. RUBIO, 1989).

2. A questão ecológica e o pecado

Diante dos argumentos apresentados pela Igreja sobre a questão ecológica, referendados na Escritura e na Tradição, fica evidente que a questão também é ética (cf. MOSER, 2019, p. 156). A crise ética gera a perda do sentido da vida e das coisas, produzindo um estado de pecado que vai ficando comum. O pecado vai se enraizando no coração do homem e consolida uma estrutura de pecado que molda a economia, a política, o meio social e, até mesmo, a religião

² *radah* (רָדַח) significa, nas Sagradas Escrituras, não somente exercitar o poder, mas sobretudo ser guardião no exercício de representar Deus no cuidado da criação (cf. SILVA, 2020).

(cf. MOSER, 2019). Nesse sentido, lamentavelmente, verifica-se que “o pecado envenena não só o homem, mas as instituições e o mundo tocado pelo homem” (RUBIO, 2019, p. 453).

O homem que almeja a salvação definitiva precisa de uma conversão que inclua em sua moralidade uma espiritualidade ecológica provinda das convicções da fé cristã. Os ensinamentos do Evangelho precisam ter ressonância no modo de pensar, sentir e viver do homem (cf. LS, 216), a vida cristã exige um relacionamento ético das pessoas consigo mesmas, com os outros, com a natureza e com a transcendência, formando uma base de sustentação da vida. O Evangelho não exclui nenhuma relação humana, pois tem o desejo de transformar o homem todo, reestabelecendo a sua unidade com toda a criação.

Jesus Cristo deixa bastante evidente a sua integração com o cosmos até mesmo em seu momento derradeiro, quando no evento salvífico da cruz a “natureza participa do drama do Filho de Deus” (cf. DSI 454): “houve trevas” [...] “a terra tremeu e fenderam-se as pedras”; “eis que houvera um grande terremoto” (Mt 27, 45.51; 28, 2). Atravessando a morte e ressuscitando, Jesus inaugura um mundo novo no qual tudo é submetido a Ele (cf. 1 Cor 15,28), restabelecendo a relação de ordem e harmonia que o pecado havia destruído, trazendo à consciência os desequilíbrios entre o homem e a natureza e da necessidade da reconciliação do homem e do mundo com Deus (cf. DSI, 454).

A vida de Cristo está totalmente ligada a realidade, portanto, o homem desintegrado de uma dessas instâncias, tal como a natureza, evoca o pecado em relação ao desequilíbrio ecológico. Sobre essa questão, o Papa Francisco cita uma fala do Patriarca da Igreja Ortodoxa, que concorda com o posicionamento teológico doutrinal de que a natureza deve ser vista em seu caráter sacramental e que há o problema do pecado na inversão dessa orientação. O Patriarca Bartolomeu diz: “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus” (cf. LS, 8) e acrescenta:

Além disso nós, cristãos, somos chamados a “aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilhar com Deus e com o próximo numa escala global. É nossa humilde convicção que o divino e humano se encontram no menor detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”. (LS, 9).

O pensamento do líder Ortodoxo é posto na carta como um exemplo de aproximação que as Igrejas podem ter em torno de uma preocupação comum. A junção das vozes de diversas religiões com a sociedade civil pode colaborar bastante no esforço de resguardar aquilo que é dom de Deus. A causa última do movimento de cuidado com a natureza pode variar, levando em conta os diversos grupos humanos que se envolvem nessa demanda, especialmente os

grupos seculares, porém isto não diminui o valor do movimento. O que se pode presumir da união de vozes distintas numa mesma luta, é a revelação de que uma parcela da humanidade está conscientizada do seu espaço e da sua função de cuidar do mundo. O apelo do Papa Francisco ecoa para além da Igreja e possibilita o diálogo que considera os seres humanos como uma só família, na busca de cuidar da sua grande casa, finita e frágil.

Para o Papa Francisco há um desperdício da natureza e isso é um grave problema, pois quando se destrói aquilo que é de Deus, o homem demonstra que não reconhece mais a instância superior a ele, e se coloca como ápice da realidade (cf. LS, 6). O homem é a última instância criada, mas não pode se esquecer que a si mesmo não se cria, e que há ainda a instância suprema, que tudo criou. A destruição da casa comum é, portanto, um dano ao mundo, mas também um pecado contra Deus (cf. LS, 8). É legítimo para o ser humano o direito de tomar da terra aquilo que lhe garante a sobrevivência, porém, na mesma medida, há o dever de “proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras” (cf. LS, 67).

Não é possível que o homem tenha a pretensão de posse absoluta da natureza, pois ela é, em primeiro grau, propriedade do criador: “ao Senhor pertence a terra” (cf. Sl 24/23,1). A Sagrada Escritura revela em várias linhas o desejo de Deus de manter a sua criação integralmente, tal como quando o Senhor manda o homem “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2,15), ou quando dá o seguinte ensinamento: “Se encontrares no caminho, em cima de uma árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada” (cf. Dt 22,4.6). Em linhas gerais, o mínimo que se espera do homem diante das outras criaturas é o respeito. O ser humano é o “hóspede de honra” no mundo, mas o “dono da casa” é Deus (cf. Lv 25,23).

O antropocentrismo desordenado produziu um relativismo prático, que por sua vez, causou uma ilusão que envolveu o homem e o tornou escravo (cf. LS, 122-123), deste modo, escravizou-se também, a natureza. Lamentavelmente ainda não se pode vislumbrar na atualidade a superação dessa “escravização”, contrariando o ordenamento correto ensinado por Cristo e difundido pela Igreja: “longe de se tornar escravo das coisas, o discípulo de Cristo deve saber servir-se delas para criar partilha e fraternidade (cf. Lc 16, 9-13; DSI,453). Enquanto não se concretiza esse sonho de fraternidade é preciso lutar contra a naturalização do pecado ecológico, é preciso romper com o pecado contra Deus, contra os irmãos e contra a criação em geral.

3. O caminho ecológico como louvor a Deus

O Papa Francisco depois de oito anos da *Laudato Si* analisou que as pessoas ainda estão incorporadas no processo problemático da crise ecológica. Na Carta Apostólica *Laudate Deum* (2023), ele retomou a preocupação da encíclica ecológica, pois verificou que as pessoas não estão reagindo de modo satisfatório com o mundo que as acolhe, talvez aproximando de um ponto irreversível (cf. LD, 2). Louvando a Deus pelas criaturas (*Laudate Deum*), à maneira de São Francisco de Assis, o Romano Pontífice evoca o mesmo olhar que está guiando este artigo, o qual entende que a preocupação com a natureza e com mudanças climáticas “ultrapassa uma abordagem meramente ecológica” (LD, 3). Os ataques à natureza são contra a criação, “os ataques à natureza têm consequências na vida dos povos”, que também são criaturas. Nesse sentido, um ataque à natureza é também contra a vida e contra Deus, o criador.

A esperança está na contrapartida de muitos movimentos populares e de jovens que estão engajados no desejo de salvar o planeta. Os jovens serão os que sofrerão mais as consequências dos erros ambientais cometidos no passado e dos desmandos atuais sem grandes perspectivas de se findarem. Há uma gravidade muito grande em toda essa problemática, seja pela questão moral do problema, que envolve a doutrina da criação, seja pelas questões práticas, que são sentidas em desastres ambientais e sofrimentos humanos. Apesar de se apresentarem como duas perspectivas, é sabido que elas tratam de um problema único. Por isso, é necessário o vínculo fundamental entre a moral da Igreja e a prática humana.

A situação prática do problema está tão crítica que se estima que até 2050, mais de 1 bilhão de pessoas estarão desalojadas devido às mudanças climáticas (cf. INSTITUTE FOR ECONOMICS AND PEACE apud PÉCHY, 2020). A poluição por exemplo, não é algo pontual, mas um evento que gera outros problemas, em escalas incomensuráveis. Num vazamento de elementos tóxicos na água toda a fauna e flora ficam comprometidas, além dos efeitos sobre a sociedade, que vão dando maior proporção à escala de destruição. O mesmo problema se dá pelos incêndios, pelo desperdício que causa o esgotamento dos recursos naturais, pelo desmatamento e por tantos outros modos ferir o planeta e colocar em risco a vida humana. As mortes provocadas pelos desastres climáticos resultantes da degradação já são uma realidade, e é defendendo a vida como imperativo moral, que a voz dos ecologistas ecoa no mundo desde as periferias, dos mais vulneráveis, dos subdesenvolvidos, dos jovens e dos sonhadores.

O Papa Francisco em discurso no filme “*The Letter*” (2022), lembra que quem está estabelecido socio e economicamente não se importa com o que está acontecendo, mas quem não está instalado, justamente os que sentem desde já os efeitos catastróficos, devem “gritar”.

Nesses que estão gritando pelo sofrimento que passam, mas também pelo direito que buscam, fica evidente o drama dos refugiados, que por conta de vários fatores se arriscam a ir para outros países em busca de dignidade. O filme trouxe o exemplo da cidade que está sendo coberta pela água do oceano que aumenta seu nível por conta do derretimento das geleiras. É uma fuga do país de origem que vale a vida ou a morte. Os atravessadores usam a expressão “Barcelona ou a morte”, significando que não têm outra opção, ou ficam e morrem, ou arriscam a vida em embarcações precárias, crendo na possibilidade de completarem a viagem e chegarem a uma nova terra para viver.

Na *Laudato Si*, o Papa Francisco dialoga com a Ciência, trazendo dados que justificam a tomada de posição em favor da casa comum. Mas junta-se à preocupação ecológica, a própria questão humana e social, áreas intimamente ligadas. Não há como pensar soluções para a casa comum sem pensar nas diversas crises que o homem contemporâneo enfrenta. A globalização produziu um paradigma tecnocrático que envolve as pessoas num pensamento de que o poder é medido pelas aquisições, tidas como um símbolo de progresso (cf. LS, 105). Quanto mais se precisa ter, mais precisará ser produzido, e a produção nem sempre compatível com a real necessidade, sempre extrapola. Outra crise é a do antropocentrismo moderno, que debilita o valor intrínseco do mundo (cf. LS, 115), um antropocentrismo desordenado que deixa em segundo plano o mundo e o bem-estar das pessoas.

Para enredar por um caminho de transformação é preciso desenvolver um pensamento ecologizante³, associando as frentes que se empenham em defender a criação, seja qual for a intenção primeira. Para romper com a destruição da natureza é preciso uma mudança de mentalidade, que se esforce em “religar as diferentes dimensões da vida, as diversas dimensões humanas, bem como os diversos saberes, recuperando a consciência ecológica e espiritual a respeito de nossa condição humana e de nossa identidade planetária” (MORAES, 2021, p. 75). Agindo assim, ao menos será possível a reintegração das criaturas ou uma associação da consciência antropológica e social com o meio ambiente.

É certo que o ser humano possui uma centralidade na criação, devido ser “imagem” do criador, porém, é intrínseco ao caráter de imagem o cuidado com as outras criaturas de Deus. O homem precisa cuidar da casa comum: combater o desmatamento e os incêndios florestais, evitar a poluição do ar e das águas, organizar campanhas que incentivem outros a aderirem ao cuidado do planeta. Há muitas ações, pequenas ou grandes, que podem salvar o planeta. O

³ É uma maneira de pensar complexa, ecologizada, capaz de religar diferentes saberes, bem como as diferentes dimensões constitutivas do triângulo da vida representado pelas relações indivíduo/sociedade/natureza (cf. MORAES, 2021, p. 72).

Desenvolvimento econômico e social é necessário, mas que sejam pautados pela orientação do “desenvolvimento sustentável”, que é aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras satisfazerem as suas (cf. DIEGUES, 1998, p. 26).

Considerando a questão científica sobre a ecologia, mas também, e especialmente, o entendimento teológico, moral e dogmático, fundamentos da *Laudato Si* e a *Laudate Deum*, surge uma convocação urgente para uma comunhão profunda com o mundo natural. O cântico de São Francisco de Assis “Louvado Seja”, o louvor das criaturas ao Senhor, inspiração da encíclica e da carta apostólica, tem sentido neste espírito de comunhão, pois tudo é de Deus: “da natureza Ele é não só sábio intérprete nas imagens que dela costuma oferecer e nas parábolas, mas também Senhor” (DSI, 453); e porque “estamos todos no mesmo barco”, como lembrou o Papa Francisco, sozinho no adro da Basílica de São Pedro, no momento de oração em plena Pandemia de Covid-19 (FRANCISCO, 2020).

Cada criatura no grande barco da criação traz uma mensagem na harmonia do todo, nenhuma é supérflua. “O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus” (LS, 84). O esforço de ação e de educação à ecologia integral é também uma oração. O Pai que é a fonte última de tudo; o Filho que reflete e tudo foi criado por meio dele, além de ter se unido à terra pela encarnação; e o Espírito Santo, que está presente no coração do universo, são a garantia do teor moral da discussão ecológica. Portanto, cuidar, admirar e contemplar o universo em sua grandeza e beleza é um louvor à Trindade (cf. LS, 238).

Considerações finais

As preocupações práticas da crise ecológica já são argumento importante para se refletir o tema. A perspectiva moral sobre o problema aumenta ainda mais a urgência de discuti-lo. A ecologia se mostra como uma questão fundamental da moral da Igreja, seja pelo fato de que, destruindo a natureza, destrói-se uma criatura de Deus, que tem seu valor simbólico-sacramental; seja pelo dano à vida humana, resultado da degradação ambiental que causa as mudanças climáticas. Devido a cada uma dessas duas razões, a ecologia se apresenta como um assunto próprio da Igreja e não uma obstinação própria de alguém ou uma causa meramente política.

A constatação moral da questão ecológica remete imediatamente à problemática do pecado, pois junta-se à degradação do ambiente, a perda do sentido da vida e das coisas, deixando comum um ato de pecado, que nem mais atinge a consciência de muitos. Para se

salvar, o homem precisa de uma conversão que inclua a ecologia integral, restaurando o relacionamento ético das pessoas consigo mesmas, com os outros, com a natureza e com Deus. A priorização pela liberdade e vontade que o antropocentrismo desordenado incutiu no coração das pessoas, pelo contrário, causou uma ilusão que escravizou o homem e a natureza. Por isso, para haver a verdadeira liberdade humana, que é a possibilidade de viver e realizar-se em Deus, é preciso lutar contra a naturalização do pecado ecológico, senão nem mesmo haverá um mundo para que isto aconteça.

O caminho de recuperação ecológica é, ao mesmo tempo, um caminho de cuidado com a natureza e com a humanidade, e de louvor a Deus. Ainda há esperança na garantia de um mundo estabilizado que atenda às demandas das gerações futuras. A relação do homem com a natureza exige um parâmetro equilibrado e sustentável, em respeito à criação, a própria humanidade e, especialmente, a Deus, simultaneamente. A Trindade é a fonte, causa e regente do universo, logo, cuidar da natureza é um exercício de vida que glorifica a Deus.

Referências

AGOSTINI, Nilo. **Introdução a Teologia Moral: o grande sim de Deus à vida**. Petrópolis, Vozes: 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica *Caritas in Veritate***. Roma, 29 jun. 2009. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_2009_0629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DIEGUES, Antonio Carlos S. **Desenvolvimento Sustentável ou Sociedades Sustentáveis: das críticas dos modelos aos novos paradigmas**. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 22-29, janeiro/junho 1998. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v06n01-02/v06n01-02_05.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum***. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Laudate Deum: a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática***. São Paulo: Paulus, 2023.

FRANCISCO, Papa. **Momento Extraordinário de Oração em tempo de epidemia**. Adro da Basílica de São Pedro, Sexta-feira, 27 de março de 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_2020_0327_omelia-epidemia.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

FUNDAÇÃO GONÇALO DA SILVEIRA. **O que é a ecologia integral?** Disponível em: <<https://fgs.org.pt/pt/ecologia-integral/>>. Acesso em: 08 mar. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Centesimus Annus***. Roma, 1 mai. 1991. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes**. In: ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula (Orgs.). *Dicionário: rumo à civilização da religião e ao bem viver* (Orgs.). Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.

MOSER, Antônio. **Teologia Moral: Questões Vitais**. Petrópolis: Vozes, 2019.

PAULO VI. **Carta Apostólica *Octogesima Adveniens***. Roma, 14 mai. 1971. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PÉCHY, Amanda. **Crise climática forçará deslocamento de 1,2 bilhão de pessoas até 2050**. VEJA. São Paulo, 09 set. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/crise-climatica-forcara-deslocamento-de-12-bilhao-de-pessoas-ate-2050>>. Acesso em: 02 abr. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2008

RUBIO, Alfonso García. **Antropologia Teológica – Salvação Cristã: salvos de quê e para quê?** Petrópolis: Vozes, 2019.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulus, 1989.

SILVA, Weliton Angelino. **A Bíblia e a crise ecológica: reinterpretando Gn 1,28 frente ao paradigma tecnocrático**. *Revista Contemplação: Marília*, v. 22, ed. Especial, p. 71-84. Disponível em: <<https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/download/237/256>>. Acesso em: 20 de abr. 2024.

THE LETTER: *Laudato Si: O Papa, a Crise Ambiental e os Líderes de Destaque*. Uma produção de YouTube Originals. YouTube: 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rps9bs85BII>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Recebido em: 30/04/2024

Aprovado em: 12/06/2024